

# DO ESTUDO PROBLEMÁTICO DOS CONECTORES

Helena Maria Veiga Pinto Trigo  
Universidade Nova de Lisboa- FCSH

Ao dizer "estudo problemático dos conectores" pretende-se em primeiro lugar apontar para uma certa precaridade: a das conclusões a que se possa ter chegado, precaridade essa que resultará não só da natureza *sui-generis* do próprio objecto de estudo, como da variedade de pontos de vista dos estudiosos da matéria.

Senão vejamos: entendidos os conectores das línguas naturais essencialmente como morfemas gramaticais (*grosso modo*) cujo "conteúdo" só pode ser determinado numa situação de discurso concreta, não será de surpreender a proliferação de descrições a que se têm prestado, 'ao sabor' de objectivos e de teorias diferentes. Não sendo complementares, resta apurar até que ponto essas teorias serão compatíveis. Consideremos agora alguns casos, referentes aos conectores "pragmáticos"<sup>1</sup>, que implicam uma "visão global do discurso" no entender de Jayez 1994<sup>2</sup>

## 1. A abordagem da pragmática integrada na semântica

As descrições que se enquadram no âmbito da escola de Ducrot da pragmática integrada estabelecem um "esquema semântico" para uma sequência do tipo *P conector Q*. Neste tipo de abordagem, as expressões linguísticas analisadas pertencem a um 'discurso ideal', ou seja, trabalha-se a nível da frase, (entidade sintáctico-semântica abstracta) e não do enunciado ("entidade pragmática real"). Segundo

Ducrot, a frase indica ao intérprete que deve procurar duas entidades semânticas P e Q, ligadas mais ou menos directamente a X e a Y [segmentos, proposições gramaticais] e que podem ter entre elas a relação que o conector implica" (Ducrot et al. 1980: 17)<sup>3</sup>. Existem, assim, instruções, inscritas na significação das frases – portanto instruções semânticas – que especificam os valores de P e de Q. O esquema semântico dá um valor de base às variáveis P e Q, a partir do qual outros valores são especificados para cada emprego do conector.

Esta é, sob forma muito abreviada, a primeira versão (chamada standard) da sobejamente conhecida "Teoria da Argumentação na Língua" de Anscombe e Ducrot. É nosso objectivo referir rapidamente algumas dificuldades que esta teoria pode apresentar, em qualquer das versões, para a análise dos conectores no discurso autêntico.

A versão standard, que produziu algumas das mais bem sucedidas descrições de conectores argumentativos, justiça lhe seja feita, apresentava essencialmente dois problemas aos analistas (e talvez estejam relacionados): Para além da "unicidade" de uma descrição de base, difícil de comprovar em certos usos dos conectores, a própria descrição de base (ou esquema semântico) supostamente sempre presente, é susceptível de levantar dúvidas de aplicabilidade, por assim dizer, na complexa análise conversacional.

Por outro lado, a versão mais recente, dedicada ao estudo dos topõi ("princípios argumentativos gerais, comuns a graduais") apresentou-se à partida como sendo de mais difícil aplicação ao estudo dos conectores, como os próprios autores reconhecem desde cedo, embora defendam o seu interesse para um estudo mais aprofundado da Língua (Anscombe e Ducrot 1986). O problema, a nosso ver, reside no facto de que à medida que a nova versão foi sendo aperfeiçoada e o estudo da argumentatividade se estendeu a todo o léxico, o aparato teórico foi-se tornando talvez demasiado "pesado", e cremos não ter sido por acaso que a descrição dos conectores nesta escola não tenha voltado a ser seriamente considerada, ao que sabemos. A leitura de um dos últimos e mais representativos artigos da equipa de Ducrot assim faz pensar. Trata-se de um artigo de 1993, da autoria de Bruxelles, Ducrot e Raccah, intitulado "argumentation et champs topiques lexicaux" (*Cahiers de Praxématique* 21, 88-104). Os autores dedicam-se ao estudo dos "topõi intrínsecos", "fornecidos pelo léxico", e que "não se confundem com os topõi evocados nos encadeamentos argumentativos

(topõi extínsecos ou dinâmicos)", embora os autores pretendam mostrar, numa segunda parte deste mesmo artigo, como os primeiros podem constituir o primeiro elemento de uma cadeia que termina nos segundos. (Bruxelles et al. 1993:90).

## 2. A perspectiva da pragmática conversacional de Roulet

A abordagem da escola genovesa (cf. Roulet et al. 1995) inspira-se directamente nas descrições da Teoria da Argumentação na Língua mas dedica-se ao estudo da articulação do discurso. Ela distingue constituintes principais e subordinados para as três unidades" com que lida: acto de fala, intervenção e troca. As duas principais funções atribuídas aos conectores são as seguintes: a de marcar um constituinte como director principal ou subordinado e a de lhe atribuir um estatuto argumentativo.

Existem assim conectores<sup>4</sup> que introduzem sempre o constituinte director (ex. *mais, donc*) e outros que introduzem o constituinte subordinado (ex. *parce que*).

Por outro lado também importa determinar se o conector marca uma relação de argumento a favor ou contra uma conclusão ou ainda a própria conclusão. É aqui que a pragmática conversacional mostra a sua dependência em relação à teoria argumentativa de Ducrot (cf. Roulet et. al. 1985).

Desta abordagem poder-se-ia dizer, muito rapidamente, que se teve o mérito de integrar um bom "modelo de análise argumentativa" num interessante modelo de análise conversacional, essa integração não produziu um resultado plenamente satisfatório, pelo menos do ponto de vista da análise argumentativa. Os "esquemas" conversacionais produzidos (com forma de árvore) parecem acabar por dar prioridade à identificação dos constituintes directores ou subordinados, fazendo perder algumas cambiantes do funcionamento estritamente argumentativo dos conectores.

## 3. A abordagem da pragmática da pertinência

Numa obra conjunta intitulada *Langage et Pertinence*, (Moeschler et al. 1994), Lusher dedica aos conectores um capítulo que visa essencialmente mostrar as vantagens deste terceiro tipo de abordagem, inspirada na "Teoria da Pertinência" (ou 'Relevância') de Sperber

e Wilson (1986) e centrada no princípio da pertinência. Afirma o autor que:

"O princípio da pertinência está fundado no facto de o intérprete apreender o enunciado como sendo *a priori* 'optimalmente' pertinente. Devido a este princípio, o intérprete constitui um contexto de interpretação, seleccionando no seu meio ("environnement") cognitivo as informações necessárias que fazem 'chegar' o tratamento do enunciado a uma interpretação satisfatória produzindo mais efeitos do que necessitou de esforços de tratamento. (...) O interesse das marcas pragmáticas, neste caso os conectores, é precisamente o de otimizar o tratamento.

(Jayez 1994:188).

Dito de uma maneira sucinta, estas marcas veiculam instruções pragmáticas que guiam a interpretação. Estas instruções, chamadas inferenciais, caracterizam o papel do conector:

"(...) por intermédio das instruções que lhe estão associadas", a função do conector é levar o intérprete a operar uma ligação entre duas proposições e a constituir assim um contexto no qual o enunciado completo será pertinente. A instrução apresenta-se sob a forma de uma injunção para efectuar uma operação de tratamento ou, noutros termos, uma inferência (...)"

(*Ibidem*: 191).

E assim o autor conclui:

"Os conectores não impõem portanto ao intérprete um comportamento particular, nem introduzem um tipo de operação excepcional (...) limitam-se a organizar de maneira particular um processo de desenvolvimento ("dérroulement") de operações habituais."

(*Ibidem*: 191).

As instruções que os seguidores desta corrente manipulam 'articulam-se em torno' das operações a seguir mencionadas (e que são, no fundo, os 'instrumentos' aplicados à análise dos conectores):

- (i) a formação de hipóteses antecipatórias;
- (ii) a selecção de "assumptions" contextuais, isto é, a recuperação obrigatória, possível ou interdita de "assumptions" contextuais constituídas durante uma interpretação recente;

- (iii) o tipo de efeito contextual esperado, isto é, a introdução de uma nova "assumption" ou a 'reavaliação' – até à eliminação – de uma "assumption" contextual derivada de uma interpretação precedente;
- (iv) o guardar ou o abandonar "em memória" das "assumptions" produzidas pela interpretação do enunciado em causa ("concerné"), com vista à sua recuperação obrigatória, possível ou interdita no mometo de uma interpretação ulterior)"

(Ibidem).

Como observa o autor, uma instrução isolada pode sempre reduzir-se a uma destas quatro operações, no entanto, o papel específico reside na combinação de várias instruções (cf. ibidem: 192).

Por outro lado, chama a atenção para o facto de as instruções ligadas aos conectores tratarem os enunciados e as "assumptions" contextuais sobre as quais incidem em termos de variáveis.

É ainda de realçar o facto de a ordem de intervenção das instruções

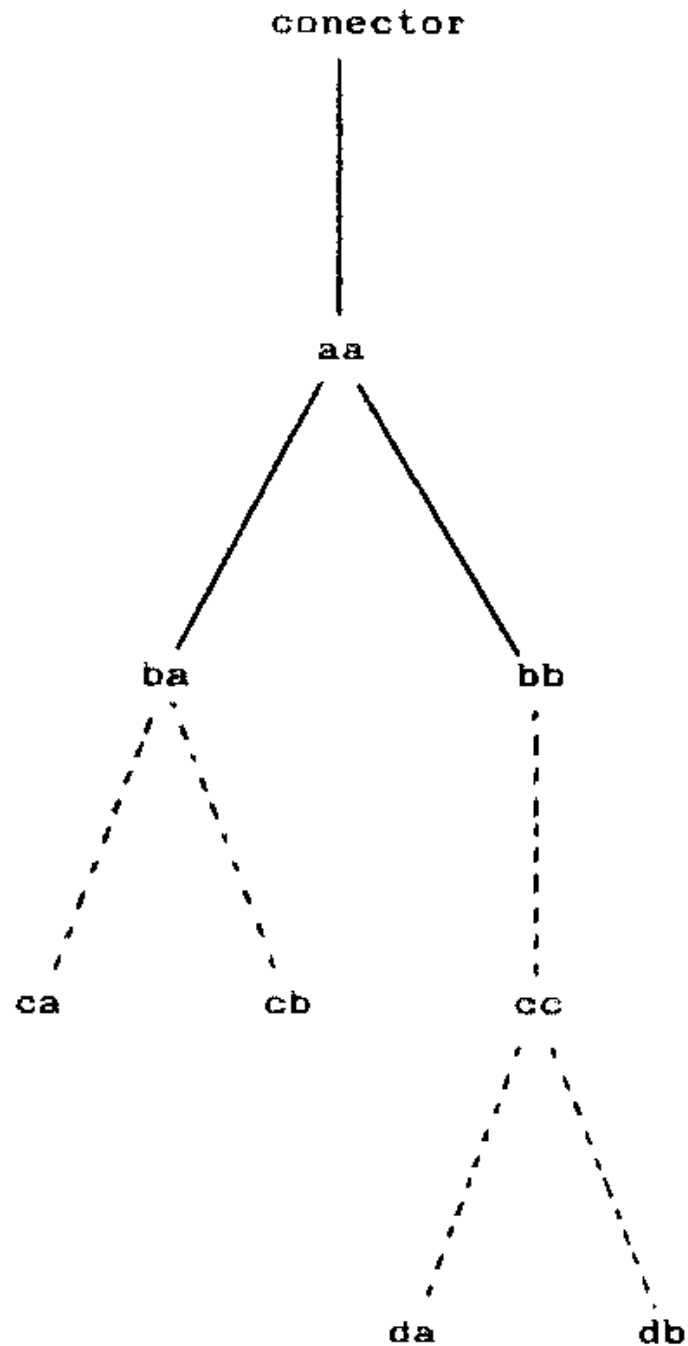
"não ser livre, e responder a três tipos de necessidades:

- (i) *técnicas*, trata-se de respeitar a cronologia das operações;
- (ii) *teóricas*, permitindo diferenciar os tipos de instruções;
- (iii) *descritivas*, para dar conta das semelhanças e das divergências entre conectores próximos."

(Ibidem: 193).

Esta ordem leva a uma organização hierarquizada dos múltiplos empregos de um conector que podem assim ser representados como outras tantas "*procédures*" de tratamento sobre um *esquema instrucional*. Para cada emprego do conector, um percurso instrucional é determinado, que distingue as instruções efectivamente postas em prática daquelas que fazem parte da descrição do conector, mas não são mobilizadas pela interpretação do enunciado considerado. (cf. Ibidem).

Veja-se um "esquema instrucional exemplar":



"Figura 2. Exemplo de esquema procedural"<sup>5</sup> (ibidem: 194)

Poder-se-ia descrever este esquema da seguinte forma:

- 1 – "aa" representa o "nó mãe" de uma instrução obrigatória .
- 2 – "ba" e "bb" são instruções obrigatórias: uma ou outra deve ser aplicada. (A escolha é determinada pelas "condições de emprego" do conector).

3 – a partir de "ca" (inclusivé) encontramos instruções de segundo nível, de carácter facultativo, daí não serem integradas no esquema através de um traço contínuo. A este nível entra em funcionamento uma regra interpretativa controlada pelo princípio de pertinência.

Apesar de as descrições geradas por este aparato teórico não terem ainda sido testadas por nós, atrevemo-nos a avançar dois comentários: Por um lado, e atendendo a exemplos de descrição de alguns conectores franceses, publicados nomeadamente em Moeschler 1989 e em números recentes dos *Cahiers de Linguistique Française* (cf. n. 14 e n. 15), parece ser razoavelmente produtiva.

Por outro lado, e atendendo a que se trata de uma abordagem prioritariamente pragmática, centrada no intérprete, de orientação marcadamente psicolinguística e ao que parece condicionada à partida por objectivos de adaptação ao diálogo Homem-máquina: afigura-se-nos que a aplicação de outras abordagens poderá resultar mais profícua numa perspectiva de Linguística Textual.

É precisamente neste campo que nos parece importante o contributo de Adam para o estudo dos conectores, nomeadamente na obra *Eléments de Linguistique Textuelle*. Para além de ser dos poucos autores a prescindir da unicidade na descrição do conector (cf. Adam 1990: 210), levada ao extremo pela pragmática da pertinência, é também dos poucos que olham para lá do contexto imediato do conector em estudo e são capazes de pôr em destaque a possível interacção discursiva entre vários conectores<sup>6</sup>. A questão de saber como funciona um conector na proximidade de outros e como o conjunto assim formado pode contribuir para a estruturação do texto tem sido precisamente a nossa principal preocupação, por um lado, e motivação para questionar as actuais abordagens argumentativas, por outro<sup>7</sup>.

Preocupação e questionação que no fundo podem afinal resolutamente continuar a desafiar aquela precaridade relativa a que se presta, talvez particularmente, o estudo dos conectores, vistos estes agora no enquadramento linguístico-discursivo que deve merecer uma mais acentuada atenção<sup>8</sup>.

## Notas

- <sup>1</sup> Por exemplo "mais", "done", "parce que", para citar os mais estudados. (É de notar que muitos destes conectores podem também funcionar como "marcadores discursivos": cf. Schiffrin (1987)).
- <sup>2</sup> Artigo cuja apresentação das abordagens 1, 2 e 3 parafraseamos no essencial. (É claro que mais abordagens seriam merecedoras da nossa atenção. Não podemos deixar de mencionar, pelo menos, o estudo de Jayez (1988)).
- <sup>3</sup> As traduções são da nossa responsabilidade.
- <sup>4</sup> Os chamados "conectores interactivos" são divididos em conectores "argumentativos" (por ex. *parce que*), "consecutivos" (por ex. *done*), "contra-argumentativos" (por ex. *mais*) e "reavaliativos" (por ex. *en fin de compte*) (cf. Roulet et al. 1985). Este tipo de classificação pode também suscitar algumas questões, que não é possível aprofundar aqui.
- <sup>5</sup> Lusher, na sequência de outros actores, chama 'derivacional' à abordagem da pragmática integrada, para a distinguir da sua, a que chama 'procedual' (cf. Lusher 1994: 183).
- <sup>6</sup> Cf. a noção de "parenthésage" em Adam (1991: 158).
- <sup>7</sup> Cf. Trigo 1990. Há também que levar em conta a "variação linguístico-discursiva", como tentámos demonstrar em Trigo 1994.
- <sup>8</sup> Agradecemos à Prof<sup>a</sup>. Doutora Luisa Opitz a leitura atenta e as pertinentes sugestões.

## Referências

- ADAM, J.M. (1990). *Eléments de Linguistique Textuelle (...)*, Liège. Mardaga.
- ADAM, J.M. (1991). *Langue et Littérature, (...)*, Paris, Hachette.
- ANSCOMBRE, J.C., O.DUCROT (1986), "Argumentativité et informativité", in M MEYER (ed.), *De la métaphysique à la Rhétorique. Essais à la Mémoire de Chaïm Perelman, avec un inédit sur la logique*. Bruxelles, Editions de l'Université de Bruxelles, pp.80-94.
- BRUXELLES et al. (1993), "Argumentation et champs topiques lexicaux", *Cahiers de Praxématique*, 21, 88-104.
- CAHIERS DE LINGUISTIQUE FRANÇAISE 14 e 15
- DUCROT et al. (1980), *Les Mots du discours*. Paris, Ed. de Minuit.
- JAYEZ, J. (1988), *L'inférence en langues naturelles. Le problème des connecteurs. Représentation et calcul*, Paris, Hermès.
- LUSHER, J. (1994), "Les marques de connexion: Des guides pour l'interprétation" in J. MOESCHLER et al. 1994, pp.175-228.
- MOESCHLER, J. (1989), *Modélisation du Dialogue. Représentation de l'inférence argumentative*, Paris, Hermès.
- MOESCHLER, J. et al. (1994), *Langage et Pertinence*, Nancy, P.U.N.



- ROULET et al. (1985), *L'articulation du discours en français contemporain*, Berne, Peter Lang.
- SCHIFFRIN, D. (1987), *Discourse Markers*, Cambridge, Cambridge University Press.
- SPERBER, D., D.WILSON (1986) *Relevance. Communication and Cognition*, Oxford, Blackwell.
- TRIGO, H. (1989). 'Mas' e outros Marcadores Argumentativos. *Contribuição para o Estudo da Argumentação no Português Actual*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (Dissertação de Mestrado não publicada).
- TRIGO, H.(1994), Conectores argumentativos e variação linguística" in *Variação Linguística no Espaço, no Tempo e na Sociedade*, A.P.L., Edições Colibri, pp.263-269.